

ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CLASSES COMUNS

Applied behavioral analysis:

A possible approach to early childhood education in common classes

Análisis conductual aplicado: un posible acercamiento a la educación infantil en las clases comunes

Talita Cristina Catelan Prado Moisés – UNESP*
Marcos Pastana Santos – IFRJ**

Resumo: O presente estudo busca compreender como a Análise Comportamental Aplicada pode auxiliar a prática docente na educação infantil, a partir do conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista, compreendendo a análise comportamental aplicada, suas estratégias e aplicabilidade para promover aprendizagens, autonomia e qualidade de vida para crianças com TEA e/ou atraso do neurodesenvolvimento. A pesquisa foi realizada, inicialmente, por meio de coleta de dados, buscando ideias e opiniões de pesquisadores dedicados ao tema autismo e educação. Este estudo teve a participação de 4 docentes da Prefeitura Municipal de São Paulo. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com a realização de entrevistas com os participantes. Para a realização das entrevistas, foi utilizado o questionário como recurso na coleta de dados para a pesquisa. Os dados levantados permitiram constatar a ABA como ciência, baseada em evidências, capaz de propor melhor resultado para o avanço no quadro de atrasos do neurodesenvolvimento.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autismo. Modelo Denver de Intervenção Precoce. Educação Infantil.

Abstract: The present study seeks to understand how Applied Behavioral Analysis can help teaching practice in early childhood education, based on knowledge about Autism Spectrum Disorder, understanding applied behavioral analysis, its strategies and applicability to promote learning, autonomy and quality of life for children with ASD and/or neurodevelopmental delay. The research was initially carried out through data collection, seeking ideas and opinions from researchers dedicated to the topic of autism and education. This study had the participation of 4 teachers from São Paulo City Hall. The methodology used was bibliographical research with interviews with participants. To carry out the interviews, the questionnaire was used as a resource in collecting data for the research. The data collected made it possible to verify ABA as a science, based on evidence, capable of proposing better results for progress in the context of neurodevelopmental delays.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Denver Model of Early Intervention. Child education.

Resumen: El presente estudio busca comprender cómo el Análisis Conductual Aplicado puede ayudar a la práctica docente en educación infantil, basándose en el conocimiento sobre el Trastorno del Espectro Autista, entendiendo el análisis conductual aplicado, sus estrategias y aplicabilidad para promover el aprendizaje, la autonomía y la calidad de vida de los niños con TEA y /o retraso del neurodesarrollo. La investigación se realizó inicialmente mediante la recolección de datos, buscando ideas y opiniones de investigadores dedicados al tema del autismo y la educación. Este estudio contó con la participación de 4 profesores de la

*Especialista em Educação Especial com ênfase em Transtorno de Espectro Autista pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo. E-mail: taly.lita@hotmail.com.

**Pós-Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) pela UFMG. Bibliotecário-documentalista do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Paracambi. Professor I - Itinerante de Educação Especial da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. E-mail: marcos.pastana@ifrj.edu.br.

Municipalidad de São Paulo. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica con entrevistas a los participantes. Para la realización de las entrevistas se utilizó el cuestionario como recurso en la recolección de datos para la investigación. Los datos recopilados permitieron verificar el ABA como una ciencia, basada en evidencia, capaz de proponer mejores resultados para avanzar en el contexto de retrasos en el neurodesarrollo.

Palabras-clave: Trastorno del espectro autista. Modelo de Denver de Intervención Temprana. Educación Infantil.

INTRODUÇÃO

Com os avanços das pesquisas no âmbito da medicina e da educação voltadas ao desenvolvimento do ser humano, especificamente nos primeiros anos de vida, passamos a observar um número maior de crianças com sinais de autismo e diagnósticos sendo concluídos já na primeira infância. Com o olhar voltado para essa fase, bebês e crianças começaram a frequentar os ambientes escolares e a vivenciar suas primeiras experiências de interação social integralmente nesses espaços coletivos. A partir da construção da infância e do conceito de inclusão que vínhamos construindo a partir de convenções, estatutos e documentos oficiais, os olhares de educadores da primeira infância estão mais atentos às especificidades de bebês e crianças. Assim como o de especialistas da área da saúde, que também estão atentos a esta fase, bem como aos sinais de autismo, levando-os a identificarem e proporem terapias imediatas visando uma qualidade de vida melhor para esse sujeito que está em processo de formação.

Entre esses avanços, destaco uma abordagem que, cientificamente foi comprovada a apresentar resultados positivos na evolução do desenvolvimento das crianças e adolescentes com TEA, a análise comportamental aplicada, mais conhecida, por sua sigla em inglês ABA. A análise comportamental aplicada muito utilizada em clínicas de atendimento multidisciplinar que utilizam essa abordagem científica em seus trabalhos. É reconhecida pela área médica especializada na reabilitação de pessoas como eficiente na evolução dos quadros de seus pacientes, em especial, ao público com TEA.

Esse conhecimento veio através do diagnóstico da minha filha, que na época tinha 2 anos e meio. Alguns exames genéticos foram realizados e avaliações clínicas por diferentes especialistas também, com o consenso entre eles de que ela precisaria iniciar imediatamente terapias multidisciplinares com a análise comportamental aplicada ou Denver para que não houvesse prejuízos e retrocessos em seu desenvolvimento (que já estava diferente em relação com crianças da mesma faixa etária dela). Conseguimos uma clínica especializada para iniciarmos as terapias (isso em plena pandemia, no final de 2020 e início de 2021). Eu e meu esposo fomos acolhidos e recebemos diversas orientações, entre elas o como “treinar” e aplicar os exercícios para que ela pudesse se comunicar e adquirir autonomia, com base na análise comportamental aplicada (que deveria ser constante e contínua). Estamos acompanhando muita evolução no desenvolvimento dela, e posso afirmar que, a parceria com a escola da minha filha, foi muito importante, entre outros fatores, para que seu desenvolvimento pudesse acontecer de forma satisfatória.

Na rede pública de ensino, especificamente na educação infantil, que é minha área de atuação, é comum nos depararmos com crianças diagnosticadas com TEA (ou com suspeita) sem um acompanhamento terapêutico necessário, o que torna a rede de apoio da escola e da família fragilizada. Muitos professores apresentam dificuldades na forma como conduzir e manejar comportamentos atípicos característicos dos próprios transtornos e/ou das comorbidades, para que a mediação ensino - aprendizagem e a interação (entre pares, adultos e diferentes ambientes) aconteça de forma satisfatória e significativa para todos, causando inquietações, angústias, insegurança e sentimento de solidão pela falta de apoio e informação.

OBJETIVOS

A presente pesquisa contribui com o entendimento de como a análise comportamental aplicada pode auxiliar na prática docente com estudantes da educação infantil que apresentam TEA. Os objetivos específicos para alcançar a proposta principal do estudo foram pontuados em: Percorrer acerca da definição do autismo num contexto histórico; compreender a análise comportamental aplicada e trazer

suas técnicas e aplicabilidade para promover aprendizagens, autonomia e qualidade de vida para crianças com atraso do neurodesenvolvimento.

REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa teve como base principal os estudos de: Ana Amélia Cardoso e Maria Luísa M. Nogueira (2021), que apresenta um panorama atualizado e interdisciplinar sobre o TEA; Ana Carolina Sella e Daniela Mendonça Ribeiro (2018), que trazem, nos capítulos do livro, as contribuições de pesquisadores e clínicos sobre o tratamento mais eficaz para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: apoiado na ciência Análise do Comportamento Aplicada (ABA, do inglês Applied Behavior Analysis); Vera L. Messias F. Capellini e Ana Paula Zerbato (2018) inspirando uma educação mais acessível a todos através do Ensino Colaborativo, e de pesquisadores que tratam dos temas Autismo e Análise do Comportamento Aplicada, como Paulo Liberalesso (2021), Mayra Bonifácio Gaiato (2018) e Lucelmo Lacerda de Brito (2017).

Por fim, Mota (2020), que traz aspectos teóricos e discussões para um olhar em direção à interação social e inclusão escolar de crianças autistas na educação infantil, fundamentados na interação social pela perspectiva sócio-histórica de Vigotski, Vilmaria Mendes Gonring, que traz em sua pesquisa etnográfica a tentativa de que a inclusão da criança autista na educação infantil é possível através de algumas estratégias práticas e de Anna Augusta Sampaio, que em suas aulas e artigos nos inspira para uma educação pública acessível para todos. Juntamente aos demais artigos e documentos lidos e referendados é que foi possível todo o embasamento teórico para sanar a parte teórica da problemática trazida para este estudo.

AUTISMO: DEFINIÇÃO E DIAGNÓSTICO

De acordo com o Manual de Orientação do Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019), o transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, pervasivo e permanente, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos. Ainda segundo esse Manual, o TEA é causado por uma combinação de fatores genéticos e fatores ambientais

De fato, há evidência de que a arquitetura genética do TEA envolve centenas ou milhares de genes, cujas variantes, herdadas ou de novo, e comuns ou raras na população, compreendem múltiplos modelos de herança. Apesar de claramente importantes, os fatores genéticos não atuam sozinhos, sendo sua ação influenciada ou catalisada por fatores de risco ambiental, incluindo, entre outros, a idade avançada dos pais no momento da concepção, a negligência extrema dos cuidados da criança, a exposição a certas medicações durante o período pré-natal, o nascimento prematuro e baixo peso ao nascer (MANUAL DE ORIENTAÇÃO DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE PEDIATRIA DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO, 2019, p.3).

É um transtorno que se manifesta em pessoas de diversas etnias ou raças e em todos os grupos socioeconômicos. Na maioria dos casos os sintomas são consistentemente identificados entre 12 meses e 24 meses de idade e o diagnóstico, geralmente, acontece entre 2 e 4 anos de idade. Em relação ao TEA, a intervenção precoce pode contribuir para uma melhora na qualidade de vida do indivíduo e de seus familiares.

O diagnóstico do TEA é clínico e, para que seja adequado, é de suma importância uma abordagem multidisciplinar experiente e a coleta de informações por todos que fazem parte da rotina e do convívio da criança, tais como familiares, cuidadores e os professores da escola.

Um instrumento simples e acessível é a Caderneta de Saúde da criança que, ao ser preenchida pode ser um documento orientador para pais e pediatras para o acompanhamento do desenvolvimento da criança.

Quanto ao “tratamento do TEA está fundamentado em dois pilares:

Redução dos comportamentos disfuncionais e aprendizado de habilidades esperadas para a idade. A primeira linha de tratamento para alcançar estes objetivos baseia-se

em intervenções terapêuticas comportamentais, sendo a Applied Behavior Analysis (ABA) ou Análise Aplicada do Comportamento a que apresenta maiores níveis de evidências científicas” (CARDOSO; NOGUEIRA, 2021).

Com o avanço das pesquisas e estudos da neurociência constatando que a plasticidade cerebral, na primeira infância, está em sua melhor maleabilidade, ou seja, com sua capacidade de mudar, adaptar-se e moldar-se de maneira mais rápida e eficaz, percebe-se a importância de expor, constante e intensivamente, esse cérebro a diferentes estímulos e experiências o quanto antes.

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE CIÊNCIA ABA

A análise comportamental aplicada se refere a uma das abordagens da Psicologia, o behaviorismo, tendo como principal referência teórica Burrhus Frederic Skinner. Não se trata de um conjunto de técnicas ou um método de ensino, ABA é uma ciência que tem por objeto de estudo o comportamento humano (CARDOSO; NOGUEIRA, 2021; FERREIRA, 2022).

O objetivo primordial dessa ciência, grosso modo, é descobrir por que uma pessoa, ou grupo de pessoas, se comporta de determinada maneira, identificando as variáveis que afetam a forma e a frequência dos comportamentos.

Logo, as intervenções baseadas nesta abordagem científica têm como foco: analisar o comportamento do indivíduo, buscar identificar seu repertório (como se relaciona com o ambiente) e compreender a manifestação do comportamento atual para, a partir daí, propor estratégias de ensino para um novo comportamento mais funcional e/ou adequado.

De acordo com Baer et al. (1968), citado por Sella e Ribeiro (2018) para fazer parte da ABA os estudos devem possuir três dimensões: serem Aplicados, ou seja, com relevância social; Comportamental, indicando que o comportamento pode ser observável e mensurável (de maneira direta e não relatada por terceiros, através de instrumentos avaliativos ou a partir da concordância entre observadores); e Analítico, demonstrando quais as variáveis são responsáveis pelas mudanças do comportamento observado. Além destas três dimensões definidoras, outras quatro são recomendadas para que o estudo faça parte da ABA e também apresentadas por Sella e Ribeiro (2018): Tecnológicas, no sentido de que as intervenções possam ser identificadas e descritas em detalhes suficientes que possam permitir sua replicação futura; Conceitualmente sistemática, ou seja, estar relacionada aos princípios e conceitos da Análise do Comportamento; Eficácia e Generalidade.

CONCEITOS BÁSICOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A partir destes objetos de estudo, os analistas do comportamento objetivam e direcionam seus olhares e estudos para a observação de uma determinada reação do indivíduo, analisam o momento em que essa resposta comportamental aconteceu, a própria resposta (comportamento) e as consequências para identificar o estímulo que levou à emissão de determinada resposta. Após análise, o planejamento para estratégias de reforço ou extinção do comportamento em questão, passa a ser realizado, bem como uma importante e necessária atenção aos antecedentes que levam a esse comportamento. Esse entendimento sobre os acontecimentos que precedem o comportamento é uma das partes mais importantes da ABA.

Essa ação é uma das formas de selecionar, fortalecer ou eliminar comportamentos. E “o reforço refere-se ao procedimento de apresentar consequências quando uma resposta é emitida e, também, ao processo de aumento na probabilidade de a resposta ocorrer novamente” (SELLA; RIBEIRO, 2018, p.75). Esses reforços podem ser positivos ou negativos, ambos com a intenção de aumentar a probabilidade do comportamento esperado/desejado de se repetir no futuro. No reforço positivo é adicionado um estímulo reforçador, uma valorização para aumentar a chance desse comportamento se repetir, e no reforço negativo há a retirada de um estímulo aversivo no ambiente. Vale destacar que, ao extinguir um comportamento inapropriado, um outro mais adequado precisa ser apresentado para que haja a substituição e o aprendizado. Isso quer dizer que, ao mostrar a forma “certa” de se fazer, o aprendizado passa a ter clareza e fazer sentido para aquele que está aprendendo.

As autoras ressaltam que, neste processo, o que precisa ser reforçada é a resposta que foi dada e não a pessoa.

E por fim, a generalização que é quando o comportamento foi aprendido e é realizado em diferentes lugares com o mesmo contexto, é quando o aprendizado ocorreu de fato (SELLA; RIBEIRO, 2018).

DE ONDE VEM NOSSOS COMPORTAMENTOS SEGUNDO A ANÁLISE COMPORTAMENTAL

Para os behavioristas radicais “o comportamento de qualquer pessoa, em qualquer momento é o produto conjunto de variáveis atuantes em três diferentes níveis seletivos: filogenético (bio), ontogenético (psico) e cultural (social)” (SELLA; RIBEIRO, 2018). Esses três níveis seletivos para explicar o comportamento humano torna a Análise do Comportamento uma ciência psicológica integrativa, que compreende que cada pessoa é diferente uma da outra, com características físicas, emocionais e culturais diferentes, uma vez que somos “resultado” das interações constantes com o meio em que vivemos, tanto no aspecto biológico quanto nas histórias particulares de interação com o ambiente físico e social.

Contudo, é possível afirmar que o comportamento humano é maleável e propenso de transformação pelas interações com os ambientes em que vive, fato esse que se encaminha para a ideia de que, se o comportamento pode ser aprendido então ele também pode ser ensinado. Importante salientar que, enquanto ciência, ao pensar em mudança de comportamento estamos no campo da pesquisa, da curiosidade, da investigação e do questionamento para compreender o porquê somos e nos comportamos deste ou daquele modo. As demais ciências utilizam desse conhecimento para encaminhar seus objetivos próprios de atuação, como exemplo, no presente estudo buscamos compreender como a ciência ABA pode contribuir para que os objetivos educacionais sejam beneficiados com os conhecimentos construídos até a atualidade e, em especial, no campo do TEA.

Segundo a Análise Comportamental, podemos aprender por diferentes procedimentos: por modelagem (quando a aprendizagem acontece a partir da técnica de reforçar, gradualmente, algumas respostas até que a resposta desejada aconteça de maneira independente. Neste procedimento a ideia é ir mostrando aos poucos o caminho para se chegar à resposta-alvo. A modelagem visa gerar novos repertórios ou refinar os antigos, com treino de aproximações sucessivas); por observação (onde aprendemos observando os comportamentos e/ou as consequências dos comportamentos das outras pessoas); e por seguimento de instrução (a aprendizagem se dá através das regras instruídas por alguém, sem que haja a necessidade de entrar em contato direto com as intercorrências de estímulos e respostas. A desvantagem do comportamento direcionado por regras é que o comportamento especificado na instrução pode se manter mesmo quando esse comportamento poderá ser alterado, ocasionando um condicionamento e não uma aprendizagem de fato).

RECURSOS PARA INCLUSÃO ESCOLAR PARA ALUNOS COM TEA E PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS

Para identificar uma prática baseada em evidências é preciso avaliar se os estudos foram conduzidos dentro dos padrões científicos e se ocorreram replicações suficientes para sugerir que a intervenção será eficaz na maioria dos casos. No campo de pesquisas sobre abordagens terapêuticas para o desenvolvimento de pessoas com TEA, os únicos modelos comprovados advêm diretamente da ABA com embasamentos derivados das pesquisas em Análise do Comportamento (SELLA; RIBEIRO, 2018).

Sella e Ribeiro (2018) citam umas mediações focais usadas em programas de intervenção comportamental intensiva precoce. São elas: Autogerenciamento: a criança é ensinada a discriminar entre comportamentos apropriados e inapropriados monitorando e registrando seus próprios comportamentos, entregando a si mesma reforçadores por se comportar adequadamente. (LIBERALESSO; LACERDA, 2020); Modelação: a instrução é que a criança observe uma ou outra pessoa e se comporte de maneira semelhante ao modelo observado. Indicada para crianças que já possuem habilidade de imitar; Prompting (instigação) e reforço: é a intervenção mais utilizada.

As dicas envolvem alguma forma de suporte ou ajuda (física, dica escrita, palavra modelada) e o reforço um item/ brincadeira preferida da criança. Liberalesso e Lacerda, 2020, trazem uma gama de

intervenções baseadas em evidências para o tratamento do TEA, citamos para conhecimento algumas delas: Intervenções baseadas no antecedente (ABI); Comunicação Alternativa e Aumentativa; Intervenção Momentum Comportamental; Cognitivo Comportamental / Estratégias de Instrução; Instrução Direta; Ensino por Tentativas Discretas (DTT); Intervenção Mediada por Música (MMI); Intervenção Implementada por Pais; Treino de Habilidades Sociais; Atraso de tempo (TD); Videomodelação; Instrução e Intervenção Mediadas por Pares (PBII); Intervenção Naturalística; entre outros.

Quando tratamos de Intervenção Precoce nos referimos às intervenções iniciadas logo na primeira infância e, analisando pelo âmbito educacional, as propostas da educação infantil que se entrelaçam com as de intervenções baseadas em evidências oriundas da ABA são as Naturalísticas e as Mediadas por Pares. Ambas as intervenções terapêuticas vão ao encontro dos objetivos educacionais do currículo da Educação Infantil.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO NATURALÍSTICAS

Dentro da ciência ABA existem basicamente duas estratégias: as Estruturadas e as Naturalistas. Na Estratégia Estruturada o objetivo está focado nas habilidades que a criança precisa desenvolver, há um planejamento com início, meio e fim, o ambiente é estruturado, os materiais a serem utilizados já estão separados e o terapeuta controla o ambiente, bem como as atividades que serão aplicadas.

Na estratégia Naturalística a terapia acontece de acordo com a motivação da criança e a partir do interesse dela. As intervenções se dão no contexto natural de convívio da criança autista (em casa ou na escola, por exemplo) ou em ambientes mais próximos destes contextos, baseando-se no lúdico, através de brincadeiras, jogos e nas escolhas espontâneas dela. Quando se utiliza estratégias de ensino naturalísticas é o interesse da criança que vai direcionar a intervenção e para isso uma avaliação de preferência se faz importante, assim os itens podem ser variados durante a sessão, pois “conhecer a preferência da criança é fundamental para criar estratégias motivacionais” (SELLA; RIBEIRO, 2018).

O modelo Denver de intervenção precoce é um método naturalístico patenteado por Sally Rogers que tem por objetivo construir relações próximas com a criança, construindo vínculo afetivo e com o propósito de desenvolver as habilidades sociais e comunicativas (LUCIANO; SANTOS et al., 2021, p. 8).

Em suma, na abordagem naturalística é importante utilizar as habilidades que a criança já tem e inserir as novas habilidades de forma gradual para que o treino seja produtivo. Outro aspecto importante ressaltar é que, através de uma situação de brincadeira muitas habilidades podem ser ensinadas e fortalecidas. Além disso, quando o treino é conduzido no ambiente natural da criança, em seu contexto, as respostas são mais espontâneas, ocorrendo uma melhor generalização.

Identificar oportunidades de ensino no contexto imediato da criança exige análises funcionais adequadas, exigindo do terapeuta o domínio dos princípios e procedimentos da Análise do Comportamento. No entanto, a quantidade de tentativas de treino pode ser menor, prolongando os treinos porque as atividades ficam limitadas ao interesse da criança no ambiente natural, o que pode causar maior lentidão na generalização.

Cardoso e Nogueira (2021) ressaltam que um fator crítico associado aos resultados e prognóstico é a idade da criança no início do tratamento, pois as intervenções precoces naturalísticas, como o Denver, concentram-se na faixa etária de 12 a 48 meses, ou seja, no período chamado de primeiríssima infância. Modelos Naturalísticos são fortemente recomendados até os 6 anos de idade, fase em que os processos de aprendizagem estão mais “abertas” às mudanças.

MODELO DENVER DE INTERVENÇÃO PRECOCE EM CONTEXTO DE GRUPO – G-ESDM

É uma abordagem naturalística e desenvolvimentista de intervenção precoce, baseada na adaptação do Modelo Denver, tendo como principal objetivo, de acordo com Cardoso e Nogueira (2021) fornecer uma abordagem prática de intervenção precoce, baseada em evidências, que seja adequada para as escolas de educação infantil para o atendimento de crianças pequenas com TEA.

Sua proposta é a aplicação dos procedimentos dentro de pequenos grupos, onde os objetivos individuais e específicos do tratamento sejam trabalhados nas rotinas do grupo de modo claro, previsível e compartilhado. Os princípios e estratégias do Modelo Denver de intervenção precoce em contexto de grupo para apoiar o aprendizado e o desenvolvimento em crianças pequenas com autismo incorporam conhecimentos da ciência do desenvolvimento, análise do comportamento e neurociência socioafetiva.

Os adultos estabelecem rotinas divertidas que espontaneamente costumam aproximar os pares de idade no mesmo espaço físico, incluindo atividades de arte, contação de história e outras atividades com livros, jogos sensoriais, tais como brincadeiras que envolvem água, areia e espuma, músicas em grupo e jogos de movimento, cantigas de roda [...] bem como jogos de tabuleiro (CARDOSO; NOGUEIRA; VIVANTI, 2021, p. 169).

No compreender de Cardoso, Nogueira e Vivanti (2021) a rotina de atividades conjuntas é articulada em quatro etapas: tema, preparação, variação e encerramento. Na preparação a criança escolhe a atividade; depois há o desenvolvimento de um tema em que a criança autista e os parceiros de brincadeira participam da atividade de sua escolha (criando uma rotina previsível e agradável); uma variação que expanda o tema; e uma fase de fechamento, marcando a transição suave de encerramento de uma atividade e abertura da próxima.

Importante notar e ressaltar que a diversidade de atividades e brincadeiras para o grupo pensando no interesse das crianças, inclusive a criança autista, para que haja um maior engajamento nas explorações e interações (com os materiais, brinquedos e entre crianças e adultos) e nas descobertas, é uma prática pedagógica presente nos documentos norteadores do currículo da educação infantil do nosso município. Embora as propostas se entrelacem, é importante ressaltar que o trabalho em conjunto com as diferentes ciências e seus conhecimentos articulam um planejamento individualizado para que a criança autista possa estar inserida no grupo tendo suas habilidades potencializadas e suas barreiras de aprendizagem minimizadas dentro do seu contexto educacional.

Segundo Mota (2020) algumas intervenções podem estar presentes no ambiente escolar dando suporte tanto para as crianças quanto para a prática pedagógica quando há a troca de profissionais que atuam no contexto terapêutico com a equipe pedagógica: o processo de integração sensorial, que permite a criança explorar os estímulos sensoriais de forma lúdica e integrada; e a CAA - Comunicação Alternativa (substitui a fala) e Ampliada (complementa a fala), que visa compensar os prejuízos da comunicação.

O Sistema de Comunicação por Troca de Imagens (PEC's), que é um sistema de comunicação por troca de imagens, facilita a comunicação das crianças com TEA não-verbais, tornando perceptível para elas que é possível conseguirem mais rapidamente o que desejam por meio da comunicação. Além disso, ensinar uma maneira alternativa de se comunicar diminuiu, e até extinguiu, muitos dos comportamentos disruptivos, uma vez que a maioria dos comportamentos-problema apresenta uma função comunicativa.

O recurso de utilizar imagens também pode contribuir muito para que o uso funcional da comunicação seja possível, pois as imagens sinalizam, informam, antecipam e orientam pelo simples fato de trazer uma representação visual que é facilmente compreendida.

Diante de todo conhecimento oriundo das pesquisas, é inegável que o trabalho em conjunto dos serviços de apoio especializados e dos educacionais, de maneira colaborativa, aproximam a inclusão das ações da sala de aula.

O ENSINO COLABORATIVO

Ao falarmos da escolarização de alunos elegíveis para a educação especial logo surgem dois termos que, embora sejam parecidos, se diferenciam em seus significados. Para seguirmos com as propostas e discussões deste capítulo é importante esclarecer, basicamente, as diferenças e relações entre os termos Educação Inclusiva e Educação Especial.

De acordo com Capellini e Zerbato (2022), Educação Inclusiva se refere ao direito à educação para os estudantes pertencentes às minorias sociais que, por motivos históricos, sociais, políticos e culturais, estiveram ausentes das classes comuns das escolas regulares (povos indígenas, negros, estrangeiros, pessoas com deficiência, entre outros). Ainda segundo as autoras citadas, a Educação Especial está relacionada especificamente aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, sendo uma modalidade de educação escolar oferecida, preferencialmente, na rede de ensino comum de escolas regulares (CAPELLINI; ZERBATO, 2022).

Na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva (2008) que surge para orientar e assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, bem como no decreto nº 57.379/16 que institui a Política Paulistana de Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva, e que está regulamentada pela Portaria nº 8.764/16. Sendo assim, a perspectiva da Educação Inclusiva está embasada por diferentes documentos legais visando a garantia de meios para o acesso, permanência e aprendizagem dos estudantes público alvo da educação especial com vistas à inclusão escolar.

Com foco no ambiente escolar, as pesquisas atuais direcionam a inclusão dos alunos com TEA para um ensino colaborativo, estratégia essa que envolve um trabalho de parceria em sala de aula entre professor de ensino comum e professor de educação especial no qual ambos dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino oferecido a um grupo heterogêneo de estudantes. No Ensino Colaborativo os dois professores participam plenamente e trabalham com TODOS os estudantes, embora de formas diferentes, pois a responsabilidade em relação ao conteúdo que será ensinado continua sendo do professor de ensino comum, e o educador especial vem para apoiar, contribuir, aprender e somar, se responsabilizando pelas estratégias de promoção do processo de ensino e aprendizagem e favorecendo o acesso ao currículo (CAPELLINI; ZERBATO, 2022).

Diante disso, uma estratégia interessante, no momento de planejar as atividades é pensar em maneiras diversificadas de apresentar o conteúdo pensando nas potencialidades dos estudantes que são atendidos pelo Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) de modo que esse conteúdo chegue de maneira acessível a ele, o que beneficiará a todos os estudantes, uma vez que apresentamos diferentes maneiras de acessar a mesma informação, com canais de aprendizagem diversificados (uns são mais auditivos, outros visuais e outros, no entanto, necessitam do concreto, de manusear, sentir (cheiro, toque, textura), ou seja, são mais cinestésicos).

Ao encontro dessa ideia há um conceito que está sendo bem difundido e estudado na atualidade: o Desenho Universal de Aprendizagem (DUA), que tem como objetivo melhorar a qualidade de ensino para TODOS os estudantes, público alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou não, e tem como princípios orientadores a Aprendizagem (aspectos emocionais e biológicos do estudante), as Experiências Significativas, as Emoções que motivam a aprender, criar e conhecer, a Transferência da Aprendizagem para outros ambientes, o sentido/ significação da aprendizagem para o estudante e, por último, o princípio de que cada indivíduo é único e precisa tanto de estabilidade quanto de desafio (ZERBATO; MENDES, 2018).

Isso se dá a partir de propostas didáticas diversificadas para a disponibilização dos conteúdos e de novas práticas (como as Metodologias Ativas), além de oportunizar as maneiras como os alunos podem expressar seus conhecimentos (diferentes formas de registros), pois quanto maior for as possibilidades de se apresentar um novo conhecimento, maiores serão as possibilidades em aprendê-lo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada, inicialmente, por meio de coleta de dados bibliográficos, de abordagem qualitativa, com referências relacionadas ao tema autismo e educação. Durante a coleta de dados houve a necessidade de encaminhar a pesquisa para o estudo de campo que “é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p. 53). Complementando, Gil (2002, p. 53) também diz, que “o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação

de estudo". Ainda segundo Gil (2002) "Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana".

Logo, para enriquecer a pesquisa e trazer as respostas para as inquietações que permeavam o estudo, um questionário foi elaborado com perguntas que pudessem trazer respostas práticas para a problemática ABA e educação no ensino comum. Quatro professoras que atuaram como docentes em escolas regulares foram convidadas para participarem da pesquisa através do questionário. Atualmente duas trabalham com o apoio à educação especial em escolas públicas da rede municipal de São Paulo, aqui apresentadas com as iniciais do nome: AS e LB.

As outras duas professoras atendem em clínicas de reabilitação multidisciplinar como psicopedagogas, identificadas também com as iniciais do nome (FM e AM). As quatro profissionais foram escolhidas para contribuir com o presente estudo por apresentarem as seguintes características: todas tem formação em pedagogia, possuem prática em sala de aula do ensino regular de escola pública, possuem conhecimento em Análise Comportamental Aplicada e a utilizam em suas práticas atuais. AS e LB são professoras de atendimento educacional especializado da rede municipal de São Paulo, a primeira está no apoio integral com o ensino colaborativo e a segunda professora está em SRM (sala de recursos multifuncionais), ambas em escolas de ensino fundamental I e II. FM e AM são professoras e psicopedagogas e trabalham, atualmente, em clínicas como psicopedagogas e atendem crianças com dificuldades de aprendizagem, em sua maioria com diagnóstico de transtorno do espectro autista.

O fato das professoras estarem atuando em diferentes contextos e formatos educacionais contribuem para a pesquisa na compreensão prática de como a Análise comportamental pode ser interpretada, aplicada e adaptada de acordo com a necessidade da criança/indivíduo com TEA nos diferentes contextos, concepções e objetivos.

Este estudo teve a participação de 4 docentes da Prefeitura Municipal de São Paulo. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com a realização de entrevistas com os participantes. O lócus empírico foi uma escola de educação infantil da rede municipal de São Paulo. Para a realização das entrevistas, foi utilizado o questionário como recurso na coleta de dados para a pesquisa. Os participantes tomaram ciência desta pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

DISCUSSÃO

Há um alto número de materiais sobre a temática do autismo em geral, confirmando a expansão dos estudos e pesquisas direcionados ao público com TEA, bem como alternativas para auxiliar numa melhora na qualidade de vida deles e de seus familiares. Muitos conteúdos localizamos numa rápida busca na internet, através de diferentes plataformas digitais, no entanto, os dados selecionados para este trabalho de pesquisa foram adquiridos por indicações bibliográficas descritas nos materiais de apoio realizados pelos professores no decorrer do curso de pós-graduação e também por pesquisas de periódicos via plataformas acadêmicas de pesquisa. Alguns livros foram adquiridos a partir das bibliografias consultadas em periódicos e indicados em cursos por professores especialistas.

Espera-se descobrir como a Análise do Comportamento Aplicada pode contribuir, além da área clínica, também para a prática pedagógica, especificamente na educação infantil. A infância vem ganhando muito destaque como a etapa "ouro" para a garantia de desenvolvimento para o público de TEA e isso se dá a partir dos estudos da neurociência de que o cérebro possui uma plasticidade neural que o leva a adaptar-se a novos aprendizados a partir de estímulos constantes. Esta ciência também afirma que é na infância, principalmente na fase inicial desse período, que a maleabilidade cerebral potencializa, de forma mais rápida e efetiva, o aprendizado em sua concretude. Daí começam os enfoques para se iniciar, ainda na primeiríssima infância, a identificação de características que possam indicar algum atraso no neurodesenvolvimento do bebê e da criança, bem como as diversas maneiras de se propor estratégias para que os atrasos sejam compensados, a longo, médio e curto espaço de tempo, oportunizando mais qualidade de vida para essas pessoas.

Diante de buscas e pesquisas, chegou-se a análise comportamental aplicada como ciência capaz de propor melhor resultado, baseado em evidências científicas, para a melhora no quadro de atrasos do neurodesenvolvimento.

A Análise do Comportamento contribui para a ampliação do olhar do professor diante de tanta coisa que acontece ao mesmo tempo na frenética dinâmica escolar. Permite uma atenção mais direcionada aos estímulos que podem ser positivos ou disruptivos, podendo criar métodos mais acessíveis para a chegada do conhecimento à criança público alvo da educação especial.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Embora a área educacional não traga o enfoque da ABA (devido às raízes clássicas do condicionamento comportamental) como pauta para a inclusão das crianças PAEE, não podemos descartar sua importância enquanto ciência e participe na construção das metodologias atuais de ensino. Sabemos que o cérebro da criança autista funciona de maneira diferente do cérebro neurotípico, essa informação é importantíssima para que percebamos a especificidade dessas crianças, ressaltando que, mesmo dentro do mesmo diagnóstico, cada criança com TEA é diferente em suas características emocionais, sociais e biológicas, bem como o nível e intensidade de suas comorbidades (que variam de indivíduo para indivíduo) em maiores ou menores níveis.

A análise comportamental aplicada ao Transtorno do Espectro Autista direciona o profissional da educação para uma visão mais focada e intencional às questões comportamentais do bebê e da criança autista, dando recursos para que estes profissionais conheçam melhor seu aluno, suas preferências, dificuldades, sensibilidades, potencialidades e suas maneiras de interagir com os materiais a ele disponibilizados, às pessoas ao seu redor e com o mundo. Com o olhar “treinado” para identificar o porquê da criança se comportar, ou não, de determinada maneira, o educador é capaz de localizar pistas para compreender determinadas ações/reações da criança e buscar estratégias de estímulos que a faça responder da forma mais funcional possível.

Quando os analistas do comportamento se referem a comportamentos funcionais, eles estão se referindo a comportamentos que são considerados saudáveis e socialmente aceitáveis, comportamentos que apresentam função social. Uma vez que o cérebro do autista tem dificuldade para organizar os estímulos sensoriais que recebe do meio, a ABA procura ajudá-lo nessa organização para que ele saiba como responder ao estímulo que recebeu. Isso não significa que o bebê e a criança precisem entrar numa forma para se comportar exatamente igual uns aos outros, mas para que esses indivíduos possam saber o que fazer e como responder aos constantes estímulos que recebe do mundo.

Ao início da pesquisa via a Análise do Comportamento como método de ensino, acreditava que era possível aplicá-la em sala de aula como uma estratégia de ensino para crianças autistas. Após as leituras e pesquisas percebo o quanto essa ciência é importante sim para ajudar crianças com TEA a ter uma qualidade melhor em suas interações com o mundo, mas percebo que só a ABA não é suficiente para que a inclusão seja realizada dentro das escolas. É necessária toda uma conscientização dos envolvidos: família, educadores, comunidade e equipe escolar a respeito das características e especificidades do TEA.

Mais do que um aplicador aba o professor precisa ser parceiro e articulador, estar inserido numa rede de apoio mútua envolvendo a tríade escola, família e saúde. No entanto, a aplicação da análise do comportamento, em sua totalidade, complexidade e eficácia, se apresenta, a partir dos estudos realizados, em intervenções mais individualizadas e com os conhecimentos oriundos da psicologia. Quando nos referimos ao ambiente escolar o trabalho em conjunto: professor especialista, o professor regente, terapeutas e família, se torna essencial para o desenvolvimento pleno da criança com TEA.

Contudo, os trabalhos selecionados apontam a Análise do Comportamento, com estratégias naturalísticas, mais favoráveis para o autismo, podendo ser uma ciência possível de ser aplicada na educação infantil, uma vez que os princípios de suas estratégias terapêuticas vão ao encontro da concepção pedagógica difundida na educação infantil das escolas regulares do nosso município de que o ato de brincar é a base para o desenvolvimento integral de todas as crianças.

Quanto ao questionário, abaixo apresento as respostas das profissionais que aceitaram participar da pesquisa e que contribuíram para a análise deste estudo:

1. De acordo com seus conhecimentos e prática, enquanto professor de classe comum, e também como professor de apoio à educação especial, como a Análise do Comportamento pode ajudar o aluno com TEA em sala de aula comum?

Professora AS: A partir da observação e análise do comportamento dos estudantes a ABA pode ajudar muito no desenvolvimento de diversas habilidades como: sociais, desenvolvimentais, habilidades de estudante.

Ao observar é possível traçar um plano de ensino das habilidades para que sejam desenvolvidas no ambiente naturalístico, ou seja, dentro da rotina escolar.

Professora LB: A ciência ABA pode contribuir com o desenvolvimento das aprendizagens na sala regular como nos diferentes espaços educativos da escola, pois no meu ponto de vista auxilia na regulação de comportamentos que impedem ou dificultam o estudante acessar o pedagógico. Assim a ciência ABA traz previsibilidade, organização e estruturação da rotina do estudante com TEA.

Professora e psicopedagoga FM: Pode ajudar melhorando suas habilidades na linguagem e comunicação, aperfeiçoar a atenção, o foco, a interação social e os estudos, com uma rotina adaptada melhora os comportamentos inadequados e amplia o repertório comportamental e funcional da criança.

Professora e psicopedagoga AM: Na medida que conseguimos ajudar a criança a compreender o sistema de reforço, permissão e execução das demandas, diminuimos muito os comportamentos disruptivos e a baixa demanda dos conteúdos escolares.

Nota-se que todas mencionaram o quanto as habilidades sociais e funcionais evoluem com a abordagem da ciência ABA, não apenas em sala de aula, mas em todo o ambiente escolar. Foi mencionado o benefício para o desenvolvimento da linguagem e para a diminuição dos comportamentos inadequados/disruptivos.

2. Você percebe que a ABA contribui para o desenvolvimento e aprendizado das crianças com atrasos de neurodesenvolvimento? Como?

Professora AS: Sim! Demais. Ao compreender a função dos comportamentos podemos reforçar positiva ou negativamente, por exemplo, pensando que um dos maiores desafios atualmente é o gerenciamento dos comportamentos deste público, compreender a função deles e manejar da melhor forma para que aprendam a ter respostas adequadas ou usar recursos mais aceitos socialmente faz toda a diferença no desenvolvimento e aprendizado destas crianças, isto percebo aqui no meu dia a dia.

Professora LB: Sim, acredito ser um diferencial pois muitas vezes é aplicada fora da escola quando a criança faz terapia, porém é extremamente importante que esse trabalho perpassa para outros ambientes e relações entre os pares.

Ressalto que a análise do comportamento aplicada precisa ser adaptada ao contexto escolar para não se tornar algo terapêutico e sim como uma ferramenta de mediação e manejo comportamental desses estudantes uma vez que comportamentos disruptivos influenciam no aprendizado, como por exemplo, sentar, saber esperar, ter foco entre outras ações.

Professora e psicopedagoga FM: Sim, através das avaliações de repertório, procedimentos de ensino de aprendizagem, estratégias antecedentes e diminuição de barreiras comportamentais.

Professora e psicopedagoga AM: Contribui muito pois o ABA modela o comportamento através do modelo, ou seja, você sinaliza a criança a maneira que ela possa conseguir o que deseja, sem gritos e choros.

Na segunda questão é possível perceber que a ciência ABA contribui muito para a organização mental do estudante quanto à maneira funcional de se comportar, pois esse comportamento pode influenciar diretamente as outras áreas que direcionam a concentração, socialização, entre outras importantíssimas para levar ao aprendizado.

3. Quais os princípios/características dessa ciência que você acredita serem mais significativas para o aluno com TEA?

Professora AS: A tríade do comportamento – estímulo / comportamento/ resposta. Se minimamente todos que trabalham que atendem este público soubesse sobre isso acredito que teríamos um cenário diferente.

Professora LB: Utilizo como professora de atendimento educacional especializado estratégias da ciência ABA no sentido de olhar para o comportamento, o que antecedeu e quais as consequências e assim auxiliar a criança e os professores em momento de articulação como agir ou modificar o antecedente evitando e minimizando que esses comportamentos aconteçam.

Outro ponto que considero significativo é utilizar o reforço positivo e ações do centro de interesse do estudante.

Por fim, ABA contribui muito no desenvolvimento infantil em alguns aspectos mas importante considerar que não é só a criança que precisa receber essas estratégias mas a família, escola como um todo, afinal a regularidade das ações e intervenções precisam de rotina e repetição para o sucesso das aprendizagens.

Professora e psicopedagoga FM: A partir dos procedimentos aplicados acima é possível notar avanços significativos no repertório do aluno que reflete em áreas que a criança que está no Espectro costuma apresentar uma maior defasagem, que são na comunicação e habilidades sociais.

Professora e psicopedagoga AM: A modelagem, o DTT e o Reforço.

Obs.: aqui a professora cita algumas estratégias da ABA mais utilizadas para beneficiar a criança com TEA em seu processo de desenvolvimento das habilidades necessárias (que varia de pessoa para pessoa).

Podemos perceber que pelas falas das entrevistadas que fica evidente o quanto é importante identificar os reforços que são positivos e negativos para a criança pois eles interferem diretamente na forma como esse indivíduo vai responder aos estímulos recebidos.

De acordo com as entrevistas das professoras, podemos perceber que uma observação mais atenta e minuciosa quanto à identificação dos interesses das crianças, seus comportamentos, estímulos que podem desencadear uma provável crise, um reforço ou extinção de determinados comportamentos, bem como estratégias para estimular a aquisição de um aprendizado através de técnicas de repetição, reforço, modelagem, além da organização de materiais didáticos mais concretos e visuais, procurando contextualizar o ambiente e as situações para que fiquem mais próximas da realidade, respeitando as limitações da criança e, gerando assim, aprendizado e generalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise de textos, artigos, livros e conversas com professores especialistas em educação especial e psicopedagogos, verificamos que a Análise do Comportamento ganha mais efetividade, na educação infantil, quando é utilizada de estratégias naturalísticas e de forma colaborativa.

Naturalística porque se utiliza de processos lúdicos e em contextos naturais, deixando o ensino mais divertido, interessante, atraente e tangível, aumentando a probabilidade de generalização de comportamentos e a efetividade de uma aprendizagem funcional e significativa para a criança. É colaborativa porque envolve diferentes profissionais com conhecimentos específicos que dialogam e compartilham suas experiências e práticas, além de envolver as pessoas que convivem diariamente com a criança, fortalecendo sua rede de apoio.

Concluimos que pensar em estratégias de ensino que envolva a todos, que aproxime o conhecimento à realidade de todas as crianças é o caminho para a inclusão e para o desenvolvimento integral do bebê e da criança pequena. Sem dúvidas que conhecer a Análise do Comportamento vai ajudar e muito o professor a ter mais embasamento teórico e, conseqüentemente, pensar em estratégias de ensino baseadas na aprendizagem do aluno com TEA.

REFERÊNCIAS

AFONSO, S. R. M.; OLIVEIRA, A. A. S. Inclusão Escolar de Crianças com Autismo: notas preliminares sobre o Pensar do Professor. Mimesis, Bauru, v. 33, n. 2, p. 245-256, 2012.

BRITO, L. L. Transtorno do Espectro Autista: uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017.

CAMARGO, S. P. H. e BOSA, C. A. "Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura". *Psicologia & Sociedade*; 21 (1): 65-74, 2009. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. PDF. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKSgR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 29 jul. 2022.

CAPELLINI, V. L. M. F., ZERBATO, A. P. O que é ensino colaborativo? 2. ed. São Paulo, SP: Edicon, 2022.

CARDOSO, A. A.; NOGUEIRA, M. L. M. et. al. Atenção interdisciplinar ao autismo. Belo Horizonte, MG: Editora Ampla, 2021.

FERREIRA, E. S. et al. Seletividade alimentar e autismo sob a ótica comportamental: revisão sistemática no JABA. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicado ao Autismo*, v1, n.1, p.4-15, 2022.

GIARDINETTO, A. R. S. B. G435e Educação do aluno com autismo: um estudo circunstanciado da experiência escolar inclusiva e as contribuições do currículo funcional natural / Andréa Rizzo dos Santos Boettger Giardinetto – Marília, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002

GONRING, V. M. A criança com transtorno do espectro autista na educação infantil. Curitiba: CRV, 2020.

HERNANDES, M. A. Z. D. (2017). Uma Intervenção Naturalística com Pares para Aumentar Respostas de Interação Social de Crianças com TEA. (Dissertação de Mestrado). Associação Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, São Paulo, SP. Acesso em 03 agosto 2022.

HULLE, A. M.; RAMOS, I. T. V. D. et al. O modelo Denver de intervenção precoce (ESDM) no atendimento a crianças com transtorno do espectro autista. *Rev. Esfera Acadêmica Humanas* (ISSN 2526-1339), vol. 4, no 2, ano 2019. Disponível em: <<https://revista-esfera-humanas-v04-n02-artigo03.pdf>> (multivix.edu.br). Acesso em 16 jan. 2023.

LIBERALESSO, P.; BRITO, L. L. Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências (livro eletrônico). 1ª edição. Movimento Capricha na Inclusão. Curitiba: Marcos Valentin de Souza, 2020. Disponível em: LIVRO AUTISMO_PDF.pmd (curitiba.pr.gov.br). Acesso em 18 nov. 2021.

LUCIANO, Jéssica Carla; SANTOS, Luma V. R. I. e GONÇALVES, Palloma D. C. O modelo Denver de Intervenção Precoce no Autismo: uma revisão integrativa de literatura. Disponível em: <RUNA - Repositório Universitário da Ânima: O Modelo Denver de Intervenção Precoce no Autismo: uma revisão integrativa de literatura (animaeducacao.com.br)> Acesso em 13 maio 2023.

MARTINS, Morgana de Fátima A.; ACOSTA, Priscila de C.; MACHADO, Gabriela. A parceria entre escola e família de crianças com transtorno do espectro do autismo. PDF. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/14308>>. Acesso em 29 jul. 2022.

MAYRING, Izabelle Bastos Ribeiro. A importância do modelo Denver de intervenção precoce no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista: Uma revisão bibliográfica. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências E Educação, 9(3),2120–2133, ano 2023. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9086> >Acesso em 26 maio 2023.

MOTA, Carol. Autismo na educação infantil: um olhar para interação social e inclusão escolar. 1ª ed. -Curitiba: Appris, 2020.

NELSEN, Jane; FOSTER, Steven e RAPHAEL, Arlene. Disciplina positiva para crianças com deficiência: como criar e ensinar todas as crianças a se tornarem resilientes, responsáveis e respeitadas. 1ª ed. Barueri, SP: Manole, 2019. 240 p.

PRAÇA, Élide Tamara P. de O. Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3042>>. Acesso em 27 jul. 2022.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça (Orgs). Análise do comportamento aplicada ao transtorno autista. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Transtorno do espectro do autismo. In: Manual de orientação. Transtorno do Espectro do Autismo. São Paulo: SBP, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: Agosto 2022.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. Educação Unisinos, v.22, n.2, p.147-155, abril-junho 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/e-du.2018.222.04>. Acesso em? 04 jul. 2022.

Recebido em: 10.01.2024

Aprovado em 10.04.2024